
**Identidade de gênero e sexualidade:
Análise do assassinato de Marielle Franco no O Globo e The Washington Post**

**Gender identity and sexuality:
Analyses of Marielle's Franco murder on O Globo and The Washington Post**

Maria Antonia Moráz FIORINI¹⁷

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como os jornais *O Globo* e *The Washington Post* definiram a sexualidade da vereadora Marielle Franco ao noticiar a sua morte, buscando identificar as marcas identitárias de gênero presentes nestas abordagens midiáticas. Na plataforma online, foram selecionadas uma notícia de cada veículo que mencionasse a orientação sexual de Marielle. O veículo brasileiro a identificou como bissexual e o norte-americano como lésbica.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; Identidade de gênero; Sexualidade; *O Globo*; *The Washington Post*.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze how the newspapers *O Globo* and *The Washington Post* defined the sexuality of the councilwoman Marielle Franco on the cover of her death seeking to identify the identities of gender present in these media approaches. On the online platform, were selected one news of each newspaper that mentioned Marielle's sexual orientation. The Brazilian vehicle identified her as bisexual and the American one as a lesbian.

KEYWORDS: Marielle Franco; Gender identity; Sexuality; *O Globo*; *The Washington Post*.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa busca identificar marcas identitárias de gênero presentes em abordagens midiáticas da morte da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), ocorrida em 14 de março de 2018, feitas pela mídia brasileira e norte-americana, por meio da análise de notícias divulgadas sobre seu assassinato nos sites dos jornais *O Globo* e *The Washington Post*. Para

¹⁷ Recém-graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: maria.moraz@acad.pucrs.br

isso, foram estipulados os seguintes objetivos: a) mapear as notícias publicadas entre os dias 14 e 23 de março de 2018, disponibilizadas nos sites do *O Globo* e *The Washington Post*; b) Categorizar as notícias; c) Investigar o conteúdo das notícias; d) Analisar questões identitárias nas notícias selecionadas.

Buscou-se através deste artigo uma maior compreensão da identidade de gênero de Marielle Franco, da representatividade que ela tinha entre os LGBTs e da leitura midiática dessa identidade. Para isso, a análise apresentada pretende identificar e comparar os valores identitários de gênero encontradas nas matérias publicadas pelos sites do *O Globo* e *The Washington Post*.

A importância deste estudo está baseada na ideia do valor identitário de Marielle Franco entre a população feminina e LGBT. A pesquisa é útil tanto para o jornalismo como para o campo da sociologia, pois analisa matérias sobre a repercussão da morte de Marielle, figura política mulher, negra, LGBT e periférica em veículos renomados nos âmbitos nacional e internacional e revela as identidades de gênero associadas à vereadora pelos veículos analisados.

1. IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A mudança estrutural ocorrida no século XX fragmentou a sociedade em paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais, segundo Hall (2004), passaram a identificar o sujeito no mundo moderno. O autor (2004, p. 11) define, então, identidade como “‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Ela precisa ser inserida em um contexto para existir, pois, sozinha, não faz sentido.

A identidade cultural é uma das formas por meio da qual o ser humano se identifica. O gênero também é um modo de identificação, principalmente entre as mulheres, pois o desenvolvimento da figura feminina na sociedade esteve sempre subordinado aos homens. Segundo Colling (2004), essa história tem como base uma relação de poder, vista como construção, resultado de interpretações e de representações. Para Biondi e Vaz (2016), a disputa pelo poder e soberania ética provocou práticas violentas sobre o corpo feminino, que passaram a ser assimiladas por uma perversa gramática sociocultural de gênero. As

desigualdades entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos, heterossexuais e LGBTs eram as principais causas da luta de Marielle Franco. Essas representações estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos, na qual as sociedades e civilizações passaram a fazer “um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la” (COLLING, 2004, p. 17).

As mulheres são sub-representadas na política. De 51 vereadores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, apenas sete eram mulheres quando Marielle foi assassinada. O homem público participa das decisões de poder, enquanto a mulher é vista como não capacitada, segundo Colling (2004). Apesar da exclusão do feminino do campo político devido às relações de poder, a vereadora Marielle Franco foi a quinta mais votada no município do Rio de Janeiro. O gênero questiona a diferença sexual associada aos papéis sociais destinados às mulheres e aos homens e a sua condição “é resultante de uma invenção, uma engenharia social e política” (COLLING, 2004, p. 29). O movimento feminista surgiu com proposta igualitária entre os sexos e foi associado ao socialismo. Para Colling (2004), as feministas socialistas insistiam que somente o socialismo podia melhorar a vida da maioria das mulheres. Marielle fazia parte do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e lutava por melhores condições de vida nas comunidades cariocas.

2. SEXUALIDADE

Segundo Colling (2004), a diferença entre as próprias mulheres foi uma das marcas da postura diferenciada da proposta igualitária. “A diferença não é contrária à igualdade, mas à identidade” (COLLING, 2004, p. 35). As diferenças não são um problema, a questão é o modo como estão hierarquizadas, segundo a autora (2004). Marielle, além de mulher, era negra e lésbica. Falquet (2009) define o lesbianismo como práticas sexuais e amorosas entre mulheres de diversas culturas. Essa questão poderia ser considerada controversa, no caso de Marielle, devido ao histórico de vida da vereadora, visto que teve uma filha com um homem, fruto de um relacionamento heterossexual. Mais tarde, casou-se com uma mulher, a arquiteta Monica Benício, e dedicava sua atenção como vereadora a lutas relacionadas às pautas de defesa dos direitos da população LGBT, como o Projeto de Lei pelo Dia da Visibilidade

Lésbica no Rio de Janeiro, o qual foi reprovado pelos vereadores por 19x17¹⁸. Segundo Falquet (2009, p. 123), “o lesbianismo pode ser considerado uma crítica em atos e um questionamento do sistema heterossexual obrigatório da organização social”. De acordo com Sabat (2001):

As formas de exercer a sexualidade precisam ser discutidas como construções sociais que resultam de um conjunto de regras traçadas para a organização social de um determinado grupo e que como tal estão atravessadas por relações de poder (SABAT, 2001, p. 16).

As diferenças identitárias relacionadas ao gênero só existem se atribuídas a um sujeito quando o relacionamos a um outro que é tomado como referência, segundo Louro (2008). “A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais” (LOURO, 2008, p. 22). A noção de gênero foi ampliada, “dando significado aos diferentes atributos culturais designados a cada sexo e ao biológico dos humanos” (PEREIRA, 2004, p. 173). Contrapondo-se ao sistema sexo/gênero, algumas teóricas feministas reivindicam o simbólico em seus aspectos culturais, sociais e econômicos e deixam de lado a diferenciação do natural e biológico, segundo Pereira (2004). Portanto, a cultura passa a ser constituinte do sujeito e do conhecimento. Para Bernardes e Guareschi (2004), a cultura transforma as formas de conhecimento e conceptualizações que modificam a própria experiência do real. Para os autores (2004, p. 202) a cultura é tomada como práticas sociais que “instituem modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo”.

Para Louro (2007), as formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura. No âmbito da cultura e da história, segundo Louro (2007), os gêneros e sexualidades são compreendidos quando implicados ao poder que pode ser pensado como disseminado, multifacetado e produtivo. “A sexualidade é um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriade” (LOURO, 2007, p. 210).

¹⁸ MARIELLE FRANCO. Projetos de Lei. Disponível em: <https://bit.ly/2NXzdRS>. Acesso em: 14 mar. 2019.

3. MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA: MARIELLE FRANCO

Mulher negra, lésbica, mãe, nascida na favela da Maré, Marielle Franco, candidata pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), foi a quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro nas eleições de 2016. Dois dias depois da Intervenção Federal¹⁹ do Rio de Janeiro completar um mês, ela e o motorista Anderson Gomes foram mortos com 13 tiros após saírem de um evento no centro da cidade. Defensora dos direitos humanos, no dia 28 de fevereiro de 2018 a vereadora foi nomeada relatora da Comissão que iria acompanhar a Intervenção. Socióloga com mestrado em Administração Pública, coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo. Marielle iniciou sua militância em direitos humanos após ingressar em um pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Ela foi um símbolo na luta pelos direitos humanos, porém, era desconhecida do eleitorado de fora do Rio de Janeiro. O trabalho da vereadora Marielle Franco beneficiou minorias, principalmente nas favelas. Trabalhou em organizações como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Pela sua identidade, lutou por melhores condições de vida nas comunidades do Rio de Janeiro e também da população LGBTQ+.

Reconhecida pela sua luta em defesa de grupos sociais marginalizados, a vereadora obteve relevância na política carioca uma vez que foi a única parlamentar na Câmara Municipal de Vereadores defensora dos direitos humanos. Apesar da forma social desses grupos estar marcada pela violência, Marielle Franco optou por adotar formas de ação capazes de enfrentar a crueldade institucionalizada e generalizada a partir da realização de projetos inclusivos que priorizem existência harmônica de cidadãos (SODRÉ, 2005). Sua identidade minoritária desencadeia discussões acerca do racismo, feminismo e da lesbofobia na sociedade brasileira. De acordo com Falquet (2009), o lesbianismo aflui nas instituições universitárias e redes políticas proporcionando visibilidade e identidade. O impacto de sua morte causou revolta e tristeza na sociedade carioca e se alastrou para o resto do Brasil e do

¹⁹ Foi a decisão do Governo Federal do Brasil de intervir na autonomia do estado do Rio de Janeiro. O objetivo é amenizar a situação de segurança interna.

mundo. O peso da morte de Marielle na política brasileira provocou o governo, principalmente aqueles que eram contra os seus ideais. Diversos protestos pelo Brasil foram organizados no dia seguinte da sua morte²⁰ Também foram registradas manifestações em Portugal²¹ e em Nova York²². Marielle estimulou o propósito da “comunidade gerativa” que é o conjunto de ações passíveis de serem executadas pelos cidadãos de forma transitiva para que o envolvimento efetivo se estabeleça a partir do pressuposto da inclusão, da responsabilidade, do afeto e do respeito (SODRÉ, 2005). Segundo Sodré (2005, p. 24), “trata-se, sim, de invenção e criação de novas estruturas sociais, capazes de comportar toda a complexidade da contemporaneidade e de seus sujeitos”.

4. METODOLOGIA

Os objetos de estudo deste artigo são quatro matérias, sendo duas do jornal *O Globo* (OG) e as outras duas do *The Washington Post* (TWP), publicadas nas plataformas online de cada veículo. A escolha dos veículos de comunicação se deu devido ao primeiro site pertencer a maior organização de comunicação do Brasil e, portanto, ter abrangência nacional e o segundo por ser um dos maiores veículos de comunicação norte-americanos cuja abrangência é internacional. O período escolhido para a seleção das matérias foi de uma semana após o dia da morte de Marielle (14 março) para que pudéssemos captar a repercussão, sendo assim, foram selecionados conteúdos jornalísticos a partir do dia 14 de março até o dia 21 de março. Foram selecionadas duas matéria de cada site, durante o período, que falasse e definisse a orientação sexual de Marielle Franco. Portanto, foram escolhidas as matérias “Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas”²³ e “Mulheres, negras, LGBTs e

²⁰ Manifestantes protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco. Disponível em: <https://glo.bo/2FDVjcM>. Acesso em: 26 ago. 2018.

²¹ Manifestantes protestam em Portugal contra a morte de Marielle. Disponível em: <https://glo.bo/2MQgG9s>. Acesso em: 26 ago. 2018.

²² Nova York tem manifestação em homenagem a Marielle. Disponível em: <https://glo.bo/2NWw4pG/>. Acesso em: 26 ago. 2018.

²³ BRISO, Caio Barretto. BACELAR, Carina. Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas. *O Globo Rio* [online]. 16 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/mulher-negra-favelada-bissexual-pensadora-marielle-franco-era-muitas-22495357>. Acesso em: 1 mar. 2019.

favela: com seus projetos, Marielle representava minorias na Câmara”²⁴ de *O Globo*. Já do *The Washington Post* escolheu-se “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global”²⁵ (tradução da autora) e “Depois do assassinato de Marielle Franco, eu não estou esperançoso quanto aos brasileiros negros”²⁶ (tradução da autora).

A metodologia utilizada na pesquisa foi a análise de conteúdo. “Esta, pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 1977, p. 37). Para a análise, foram levados em consideração o sexo dos redatores das matérias e a definição da sexualidade de Marielle. Dessa forma, será feita uma análise comparativa entre as quatro matérias sobre o gênero e a sexualidade abordados.

5. ANÁLISE

A primeira matéria, “Mulher, negra, favelada. Bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas” do OG, assinada por Caio Barretto Briso e Carina Bacelar, repórteres locais da matriz da redação, mostra o impacto da morte de Marielle para a sociedade carioca a partir das falas de pessoas próximas a ela. Nas palavras de Dida, vencedora da medalha Chiquinha Gonzaga, “Como é linda”. O garçom André Meirelles, do restaurante que frequentava, “Ela era muito humilde, bebia com os outros clientes, conversava com todos”. A irmã mais nova, Anielle Silva, “A Maré chora, o Rio chora, o Brasil inteiro chora”. O orientador de monografia da PUC-Rio, Ricardo Ismael, “Foi na PUC que a liderança dela começou. Era algo natural, porque ela tinha luz própria, carisma, que fazia as pessoas a seguirem”. A filha de 19 anos, em anonimato, “Mataram minha mãe e mais 46 mil eleitores. Nós seremos

²⁴ BACELAR, Carina. GAMA, Madson. Mulheres, negras, LGBTs e favela: com seus projetos, Marielle representava minorias na Câmara. *O Globo Rio* [online]. 21 mar. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2xTupag>. Acesso em: 10 jun. 2019.

²⁵ FAIOLA, Anthony. LOPES, Marina. *A black female politician was gunned down in Rio. Now she's a global symbol*. The Washington Post [online]. 19 mar. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/a-black-female-politician-was-gunned-down-in-rio-now-shes-a-global-symbol/2018/03/19/98483cba-291f-11e8-a227-fd2b009466bc_story.html?noredirect=on. Acesso em: 01 mar. 2019.

²⁶ ARAUJO, Felipe. After Marielle Franco's murder, I'm not hopeful for black Brazilians. *The Washington Post* [online]. 23 mar. 2018. Disponível em: <https://wapo.st/2J5KhLY>. Acesso em: 10 jun. 2019.

resistência porque você foi luta. Te amo!”. O vizinho Jaime Lino de Castro, “Era uma vizinha excelente, sempre que fazia churrasco, ela me convidava”. Já no vídeo “O adeus a Marielle”, é possível perceber a representatividade que a vereadora tinha entre a sociedade carioca por meio das pessoas que se encontravam no velório. É interessante observar a diversidade da população presente, o que revela que Marielle fazia política para todos e todas. Além disso, todos os depoimentos falaram sobre a representatividade de Marielle na sociedade, como evidenciado no trecho da quarta fonte: “Ela tem o retrato das pessoas que tão aqui, você olha e parece que conhece todo mundo. Você consegue se ver no local do outro. Ela luta como mulher, como negra” (Cristiane Santana, assistente social). A matéria é encerrada com os dizeres de Marielle no aniversário da cidade do Rio de Janeiro: “Parabéns para essa cidade que, infelizmente, tem sido tão maltratada historicamente. E que quanto mais parece estar abandonada, mais fica hostil às mulheres e à população negra. Que nos próximos aniversários comemoemos como realmente gostaríamos: com um Rio para todas e todos” que retrata a luta de Marielle por uma sociedade igualitária para as mulheres e população negra. À respeito da sexualidade dela, como mencionado no título, a matéria a identifica como bissexual.

A matéria “Mulheres, negras, LGBTQs e favela: com seus projetos, Marielle representava minorias na Câmara”, assinada por Carina Bacelar e Madson Gama, reforça o impacto do trabalho que Marielle vinha fazendo na vida da população do Rio de Janeiro. É possível perceber que os dois primeiros tópicos tratam de projetos voltados aos direitos da mulher, caracterizando-se como uma das principais bandeiras defendidas pela vereadora. É interessante perceber que na parte da representatividade LGBTQ, a matéria ressaltou o fato de Marielle ser casada com Mônica Tereza Benício, o que revela o valor identitário de gênero da vereadora com essa luta. Na justificativa da criação do projeto que instaura o "Dia Municipal da Luta contra Homofobia, Lesbofobia, Bifobia e Transfobia", a vereadora afirma, no trecho, “O Brasil, nesse cenário, desempenha um triste papel, sendo o país que mais mata pessoas LGBTQs no mundo, segundo a ONG Transgender Europe” o que revela a preocupação do *O Globo* ao trazer um dado preocupante sobre a situação dos LGBTQs no Brasil e contextualizar a luta de Marielle. O site carioca evidencia a preocupação de Marielle com os jovens periféricos e ressalta “atenção especial pelos direitos humanos e pela cultura da favela”. Sobre o projeto da vereadora para o desenvolvimento cultural do funk, a integrante do grupo Heavy Baile

destaca no trecho “Ela (Marielle) queria que o funk tocasse de tarde, de dia, não fosse a música de final da festa. Não só isso como estimular a produção dessa galera”. Ao trazer as vozes de quem foi beneficiado pelo projeto, *O Globo* buscou humanizar a matéria a fim de mostrar o impacto que o trabalho de Marielle tinha na vida das minorias e ainda destaca que nem toda a atividade legislativa da vereadora não foi em cima disso. No trecho “A vereadora também assinou proposições e requerimentos que cobravam ações sobre a cidade como um todo” revela a preocupação dela também com outras questões como o combate ao jogo virtual “Baleia Azul” que levou crianças e jovens a cometer suicídio em 2017 e Transporte Público e Urbanismo. Nessa matéria, *O Globo* reconhece a relevância social do trabalho da vereadora. Ao final, ainda encerra com frases mais marcantes de Marielle organizadas em uma arte a fim de aproximar e impactar o leitor. Ao longo da matéria, é perceptível a tentativa de ressaltar a proximidade que Marielle tinha para os moradores do Rio de Janeiro e também inspirar outras pessoas a dar continuidade ao trabalho da vereadora.

O texto do jornal norte-americano *The Washington Post* “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global” (tradução da autora) é assinado por Anthony Faiola e Marina Lopes. A matéria reforça o impacto da morte de Marielle para a população negra que é destacado no texto, a partir da contextualização histórica do racismo no Brasil e das fotografias de jovens negros nas manifestações. A reportagem aborda a questão identitária e em seguida a comoção em torno da raça para a realização dos protestos. Como disse a dançarina Rubia Augusta Gomes “Uma mulher negra estava falando e clamando por direitos, e ela foi morta porque ela estava condicionada a isso” (tradução da autora). O veículo norte-americano ainda critica a elite branca que não enxerga a existência da violência de negros no Brasil na citação “Em alguns círculos, particularmente na elite branca brasileira, a morte tem sido vista como uma ação hedionda levando embora a raiz do problema e a violência na cidade, que há muito tempo é visto como a face do Brasil”²⁷ (tradução da autora) Apesar dos Estados Unidos possuírem uma história de opressões raciais, o *The Washington Post* não hesita ao afirmar que a questão racial no Brasil tem pouca visibilidade. Quando o veículo norte-americano conta a história do racismo no Brasil e define Marielle como

²⁷ In some circles, particularly within Brazil’s white elite, the killing is being viewed as a heinous act driving home the problem of runaway graft and violence in a city that has long served as the face of Brazil.

“símbolo global da opressão racial”, ele faz uma dura crítica a situação dos negros e revela a importância da luta pela população negra que a vereadora vinha fazendo.

O vídeo aborda o contexto geral da morte de Marielle em 1min8s, explicando o acontecimento e apontando já a hipótese de ter sido um crime político, ligando o crime com a Intervenção Federal do Rio de Janeiro. A repórter em *off* informa que os protestos clamam por justiça, mas que também pedem o fim da violência. A repórter ainda menciona que o pedido de Intervenção Federal no Rio de Janeiro foi ordenado pelo presidente Michel Temer. Ao final, encerra falando que autoridades informaram à Reuters que o crime teve motivação política devido ao trabalho feito pela vereadora. Tanto no texto quanto no vídeo o veículo informa a posição política de esquerda de Marielle. Em sua maior parte, a matéria retrata a identidade negra de Marielle, mas ao final, fala sobre a representatividade dela entre as ativistas lésbicas de esquerda e relata que essas pessoas estão se mobilizando para continuar a luta da vereadora por uma sociedade mais igualitária.

Na matéria “Depois do assassinato de Marielle Franco, eu não estou esperançoso quanto aos brasileiros negros” (tradução da autora), assinada por Felipe Araújo, identificado como jornalista brasileiro e fotógrafo em Londres, é possível perceber que, por se tratar de um artigo opinativo, o jornalista escreveu o texto com tom de indignação. O jornalista inicia o texto conversando diretamente com o leitor no trecho “a história que eu vou contar pra vocês é chocante, especialmente se você está sentado em algum lugar da Europa, América do Norte ou até mesmo na África”²⁸ (tradução da autora) o que revela uma tentativa do site norte-americano de se aproximar do acontecimento. No decorrer do texto, o jornalista traz informações sobre a morte de Marielle e evidencia o impacto que ela tem no Brasil. A partir de dados da Anistia Internacional, ele evidencia a existência da cultura do racismo brasileiro e fala sobre a sua experiência de vida. Nessa parte, é perceptível que o jornalista é negro a partir do seu relato de casos de discriminação que sofreu enquanto morava no Rio de Janeiro. A partir desse momento, compreende-se o tom de indignação utilizado ao longo do texto devido ao valor identitário, deixando a matéria com tom de desabafo e crítica à cultura brasileira. Então, o jornalista passa a se colocar não mais como correspondente de um jornal norte-

²⁸ The story I’m about to tell you is shocking, especially if you are sitting anywhere in Europe, North America or even in most of Africa.

americano, mas como um jornalista brasileiro que já experimentou as realidades do Brasil e do Exterior. A partir da identificação do repórter como negro e das experiências contadas por ele, o leitor passa a ver que existe uma representatividade de Marielle para a população negra sendo assim, o veículo jornalístico permitiu a construção de identidade dos negros. À respeito da sexualidade de Marielle, o jornalista a define como “É sobre uma mulher negra gay nascida em uma favela do Brasil baleada nas ruas do Rio de Janeiro depois de participar de um evento para mulheres negras”²⁹ (tradução da autora).

ANÁLISE COMPARATIVA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível identificar já no título da matéria “Mulher, negra, favelada. Bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas” que *O Globo* a define como bissexual. Jesus (2012, p. 15) define bissexual como “pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero”. Percebe-se que a definição de Marielle como bissexual se dá pelo fato de ela já ter sido casada com um homem com quem teve uma filha e que, quando foi assassinada, relacionava-se com uma mulher. ”. Já a matéria “Mulheres, negras LGBTQs, e favela: com seus projetos, Marielle representava minorias na Câmara”, diz que a vereadora “militava pela visibilidade das mulheres lésbicas” e a proposição de criar o “Dia da visibilidade lésbica” o que dá a entender que Marielle se identificava como lésbica. A identidade de gênero da vereadora se torna confusa ainda quando noticiada pelo mesmo veículo.

Já na matéria do *The Washington Post* “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global” (tradução da autora), quanto à orientação sexual de Marielle, o veículo norte-americano a identifica como lésbica e gay no conteúdo jornalístico “Depois do assassinato de Marielle Franco, eu não estou esperançoso quanto aos brasileiros negros” (tradução da autora). Segundo Jesus (2012, p. 15), homossexual é a “pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica”. Na primeira, assinada por um homem e uma mulher, é perceptível que, por ser escrita por uma figura feminina, a definição para mulheres que se relacionam com mulheres foi a correta

²⁹ It is a about a gay black woman born in a favela in Brazil being gunned down in the streets of Rio de Janeiro after attending an event for women of color.

enquanto que na segunda matéria, assinada por um homem, foi atribuída a definição de gay, que somente utilizada para homens que se relacionam com homens. Percebe-se que o jornal tenha chegado a essa definição devido ao fato de que quando foi assassinada, Marielle estava casada com Mônica Benício.

A questão da identidade de gênero é lembrada a partir da luta de Marielle pelo direito das mulheres nos dois veículos. Segundo Colling (2004), gênero é um modo de identificação, principalmente entre as mulheres, pois o desenvolvimento da figura feminina na sociedade esteve sempre subordinado aos homens e tem como fundo uma relação de poder, vista como construção, resultado de interpretações e de representações. É visto que site norte-americano deu ênfase ao feminismo negro defendido por Marielle a partir do relato de fontes cidadãs que se sentiam representadas por ela nas favelas cariocas e volta-se mais à questão racial do que à questão de gênero. O *The Washington Post* encontra, no assunto, uma forma de se aproximar do acontecimento. Ribeiro (2017) classifica as mulheres negras, como o “outro do outro” e afirma que elas estão em um lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque a sociedade produz essa diferença identitária. Enquanto isso, o site carioca preferiu falar sobre o feminismo em geral, a partir do relato de pessoas do sexo feminino negras e brancas, mostrando que Marielle representava todas as mulheres, independentemente da cor. Quanto à questão da orientação sexual da vereadora, os conteúdos jornalísticos do *O Globo* se apresentam confusos, pois em um a define como bissexual e em outro deixa a entender que ela era lésbica, a partir da proposição de criação do “Dia da visibilidade lésbica” na cidade do Rio de Janeiro. A autora acredita que, na verdade, Marielle associava-se a uma identidade lésbica, pois ela propôs outros projetos voltados à comunidade lésbica e o site norte-americano também a identifica dessa forma. Falquet (2009) acredita que as práticas lésbicas são condenadas e negadas nas culturas patriarcais e, por isso, são pouco estudadas e frequentemente deformadas. É possível que *O Globo* tenha interpretado Marielle como bissexual devido ao fato de ela já ter sido casada com um homem com quem teve uma filha, e que, quando foi assassinada, morava junto com a sua esposa. O *The Washington Post* identifica a vereadora como lésbica na matéria “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global” (tradução da autora), assinada por uma mulher e um homem, e no conteúdo jornalístico “Depois do assassinato de Marielle Franco, eu não estou

esperançoso quanto aos brasileiros negros” (tradução da autora), assinada por um homem, ela é identificada pelo termo “gay” comumente utilizado para se referir aos homens homossexuais. A confusão de termos e definições sobre a sexualidade da vereadora tanto no veículo jornalístico brasileiro quanto norte-americano revela a falta de informação e preparo dos veículos jornalísticos para noticiar a morte de membros da comunidade LGBT.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Felipe. After Marielle Franco’s murder, I’m not hopeful for black Brazilians. **The Washington Post** [online]. 23 mar. 2018. Disponível em: <https://wapo.st/2J5KhLY>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BACELAR, Carina. GAMA, Madson. Mulheres, negras, LGBTs e favela: com seus projetos, Marielle representava minorias na Câmara. **O Globo Rio** [online]. 21 mar. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2xTupag>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDES, Anita Guazelli; GUARESCHI, Neuza. A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 199-222.

BRISO, Caio Barretto. BACELAR, Carina. Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas. **O Globo Rio** [online]. 16 mar. 2018. Disponível em: Acesso em: 01 mar. 2019.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 13-38.

FAIOLA, Anthony; LOPES, Marina. **A black female politician was gunned down in Rio. Now she’s a global symbol**. The Washington Post [online], 19 mar. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/a-black-female-politician-was-gunned-down-in-rio-now-shes-a-global-symbol/2018/03/19/98483cba-291f-11e8-a227-fd2b009466bc_story.html. Acesso em: 01 mar. 2019.

FALQUET, Jules-France. Lesbianismo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO EM 2018. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://bit.ly/2WAw6h>. Acesso em: 10 jun. 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans. Acesso em: 13 mai. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p.17-23, mai. 2008.

MANIFESTANTES protestam em Portugal contra a morte de Marielle. **G1**. Disponível em: <https://glo.bo/2MQgG9s>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MANIFESTANTES protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco. **G1**. Disponível em: <https://glo.bo/2FDVjcM>. Acesso em: 11 mar. 2019.

NOVA York tem manifestação em homenagem a Marielle. **G1**. Disponível em: <https://glo.bo/2qV0DyO>. Acesso em: 11 mar. 2019.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SABAT, Ruth. Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade. **Estudos Feministas**, vol. 9, no. 1, 2001, p. 9–21. Disponível em: www.jstor.org/stable/43596772. Acesso em: 14 mai. 2019.

SODRÉ, Muniz. Mídia e Política das Minorias. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre; SODRÉ, Muniz. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; BIONDI, Angie Gomes. Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio. In: CORREIA, Maria da Luz; MARTINS; Moisés de Lemos; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; ANTUNES, Elton (orgs.). **Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar**. Braga: CECS, 2016, p. 71-86.